

FICHA DIDÁCTICA.

MUNDO NARRADO & MUNDO COMENTADO.

PASERO, CARLOS ALBERTO.

Cita:

PASERO, CARLOS ALBERTO (2017). *MUNDO NARRADO & MUNDO COMENTADO*. FICHA DIDÁCTICA.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/catedradeportugues/10>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pwBK/eNe>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

MUNDO NARRADO & MUNDO COMENTADO

Prof. Carlos Alberto Pasero

Introdução

Vamos partir do conceito de **enunciado**, isto é, a manifestação concreta de uma frase no contexto interlocução. A frase, pelo contrário, é uma unidade formal do sistema da língua e como tal é concebida como uma estrutura fazendo abstração do contexto no qual ela é empregada. Quando lemos um texto estamos perante enunciados concretos, únicos.

Do ponto de vista da enunciação (cujo objeto é o enunciado, e constitui o evento único e jamais repetido da produção de enunciação), no texto podemos encontrar uma série de **marcas linguísticas** que determinam a relação do texto com a enunciação (como as marcas de *pressuposição*, os *operadores argumentativos*, os *modalizadores*, etc.).

Essas marcas expressam ou veiculam a **subjetividade** que está por trás da língua e que a teoria da enunciação procura estudar.

Nesse conjunto de marcas, pelas quais podemos advertir a orientação do discurso e a presença da subjetividade, encontramos **as marcas linguísticas formadas pelos tempos e modos verbais**.

Mundo narrado e mundo comentado

O linguista Harald Weinrich (Alemanha, 1927- 2022) abordou a função que tem os tempos verbais no discurso, observando, entre outros aspectos, que as marcas do tempo se repetem nos enunciados (recorrência), se distribuindo em dois grupos ou sistemas temporais: os que servem para **comentar ou opinar e os que servem para narrar**.

A recorrência de certos tempos verbais vai permitir ao leitor interpretar a sequência como **comentário** ou como **relato** respectivamente é a distinção conceitual que podemos fazer entre **MUNDO NARRADO** e **MUNDO COMENTADO**.

COMENTÁRIO > MUNDO COMENTADO
RELATO > MUNDO NARRADO

Quando abordamos um texto do ponto de vista da compreensão é importante, entre outras coisas, poder determinar, na sequência que estamos lendo, a presença do MUNDO NARRADO ou do MUNDO COMENTADO; isso possibilitará ter consciência clara da orientação da mesma e do maior ou menos compromisso do enunciador com o seu enunciado, como veremos mais adiante.

Portanto, levando em consideração a relação entre a **enunciação** e o **sistema verbal** vamos ter a possibilidade de trabalhar, em primeiro lugar, de maneira sistemática, modos e tempos verbais, distinguindo

aqueles que pertencem ao **MUNDO NARRADO**, de aqueles que pertencem ao **MUNDO COMENTADO**.

Além disso, vamos também identificar num texto as marcas linguísticas de modalização em tempos e modos verbais no marco da argumentação.

Voltando ao aquilo observado por Weinrich, vamos ter dois grupos de tempos verbais:

- a) Num primeiro grupo, relacionado como o **MUNDO COMENTADO**, aglutinam-se uma série de tempos verbais em volta do **presente do indicativo** como tempo básico, sem perspectiva (Ex. *canto, cantamos*). Junto com este tempo se articulam o **pretérito perfeito simples** (Ex. *cantei*) ou **composto** (Ex. *tenho cantado*) para indicar a perspectiva retrospectiva (retrospeção) e o **futuro do presente** (Ex. *cantarei*) ou **composto** (Ex. *terei cantado*), para indicar a perspectiva prospectiva (prospecção). Neste grupo incluímos também as formas perifrásticas como *estou cantando, vou cantar*, etc.

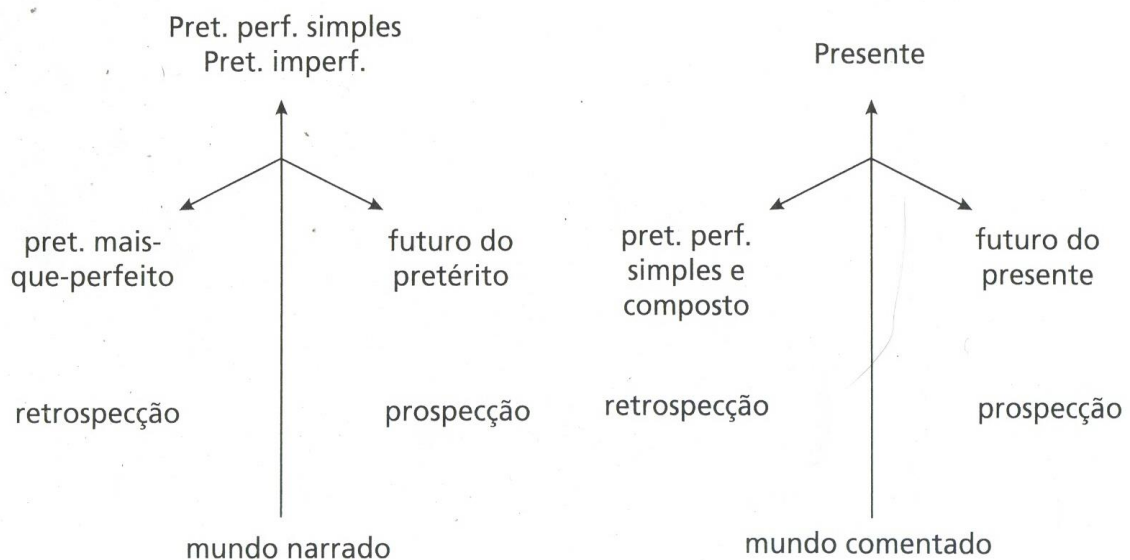
- b) Num segundo grupo, relacionado com o **MUNDO NARRADO**, se reúnem os tempos em volta de dois tempos-base, o **pretérito perfeito** (Ex. *cantei*) e o **pretérito imperfeito do indicativo** (Ex. *cantava*). O **pretérito perfeito** serve para indicar no primeiro plano as ações que fazem a narrativa avançar a ação; o **imperfeito**, por sua vez, é empregado para enunciar aquilo que

fica num segundo plano, como as descrições do espaço ou das personagens e as caracterizações.

No quadro a seguir, elaborado pelas professoras Ingedore Koch e Vanda Elias (2006), se representa claramente a distribuição dos tempos verbais no que tem a ver com mundo narrado e mundo comentado:

Os **tempos verbais** pertencem a dois grandes grupos: os que **servem para narrar** e os que **servem para comentar, opinar**. Em cada um desses grupos, há **o(s) tempo(s) básico(s), que não expressam perspectiva**, apenas sinalizam que se trata de relato ou comentário; e outros, com **perspectiva retrospectiva** (para eventos anteriores ao tempo-base) e **prospectiva** (para eventos posteriores ao tempo base).

No **grupo dos tempos da narrativa**, há **dois tempos-base**: o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo: **o perfeito indica o primeiro plano**, ou seja, as ações propriamente ditas, que fazem a narrativa avançar; e o **imperfeito assinala o segundo plano ou plano de fundo** (caracterização do espaço e das personagens da narrativa).



Do ponto de vista da atitude comunicativa, **MUNDO COMENTADO** e **MUNDO NARRADO** se diferenciam.

O **MUNDO COMENTADO** apresenta situações comunicativas que não são relatos e que, portanto, conferem ao discurso uma atitude tensa, já que trata de temas que afetam o falante, que comprometem um determinado posicionamento.

Ao mesmo tempo, a presença dos tempos verbais do eixo de presente, característicos do **MUNDO COMENTADO**, são sinais de alerta para o leitor de que o discurso exige uma resposta, um determinado posicionamento. **Comentar é falar de maneira comprometida.**

O **MUNDO NARRADO**, ao contrário, apresenta relatos de eventos distantes (no passado) e, portanto, manifesta uma atitude mais relaxada por parte dos interlocutores.

A referência a fatos já acontecidos tira do enunciado essa tensão característica do **MUNDO COMENTADO**, já que no **MUNDO NARRADO** apenas estamos relatando algo já sucedido, supostamente objetivo, que não compromete o locutor nem o interlocutor de maneira direta como sim acontece no caso do comentário.

No livro dos historiadores BORIS FAUSTO e FERNANDO DEVOTO, intitulado *Brasil Argentina. Um ensaio de história comparada* (2004), se pode observar que o discurso apresenta alternativamente trechos pertencentes ao **MUNDO NARRADO** e trechos pertencentes ao **MUNDO COMENTADO**, relato e comentário.

O **MUNDO NARRADO** está constituído pelas sequencias nas quais os autores remetem a um passado com o intuito de fundamentar com os fatos objetivos os comentários que valoram e analisam os acontecimentos passados.

O **MUNDO COMENTADO**, por sua vez, contém as análises interpretativas feitas pelos autores, excertos nos quais se evidencia aquela tensão própria de um compromisso maior com o enunciado e que faz o leitor também se posicionar (dialogicamente) se sentindo de alguma maneira interpelado.

Neste texto histórico se pode apreciar também a importância do aluno estar em condições, do ponto de vista de sua competência como leitor, de diferenciar **MUNDO NARRADO** de **MUNDO COMENTADO**, relato de comentário, ficando advertido da presença da subjetividade do sujeito enunciadador.

A seguir, reproduzimos duas páginas (46 e 47) do livro citado, nas quais podemos observar a alternância do relato e do comentário.

Do ponto de vista econômico, a evolução da Argentina e do Brasil apresenta, no longo prazo, algumas coincidências e várias semelhanças. As duas economias mais dinâmicas no século XVIII, ambas mineradoras — a extração de ouro no Brasil colonial e de prata em Potosí, então pertencente ao vice-reinado do Rio da Prata —, estavam em pleno declínio no início do século XIX. No segundo caso, isso não era tão relevante para o conjunto do território da atual Argentina, pois a área mineradora do Alto Peru, hoje Bolívia, já em 1813-1814 formou uma entidade à parte. Mas o quadro foi bem diferente em toda a região norte do interior argentino, caracterizada, a um só tempo, pela economia de subsistência e pelo papel de abastecedor do mercado potosino. Essa porção norte da Argentina não encontrará novas vias de comunicação (exceto Cuyo, por vincular-se ao Chile) e entrará num abrupto processo de estagnação. Paralelamente, a região do Litoral, ligada à economia do couro e do charque, não crescia de forma suficientemente rápida, devido às guerras civis, à incapacidade de ampliar as fronteiras com os índios e à dificuldade de conquistar novos mercados externos. Lembremos que o charque só abastecia áreas escravistas como Cuba, e o setor de couros, por si só, não era suficientemente dinâmico.

A economia brasileira estava muito mais diversificada. Para isso contribuíra a queda do preço do açúcar, depois de um fugaz aumento no início do século, que favoreceu uma expansão gradual de outros cultivos. Aparentemente, a diversificação tinha aspectos positivos, pois poderia minimizar o impacto das grandes flutuações de preços nos mercados internacionais.

Essas flutuações, porém, ocorreram num contexto global de deterioração dos preços internacionais para os produtos tradicionais de exportação do Brasil (açúcar e algodão). Se na década de 1820 o açúcar gerava 30% do valor total das exportações, o algodão 21%, o café 18% e os couros e peles 14%, vinte anos mais tarde o café gerava 42%, o açúcar 27%, os couros e peles 9% e o algodão 8%. Isso, na realidade, refletia uma diferença no crescimento relativo desses setores, pois, em conjunto, as exportações brasileiras dobraram em volume e triplicaram em valor nominal. Seu valor, medido em libras esterlinas, cresceu 40% no mesmo período. Na Argentina, tudo girava em torno da pecuária bovina (couro, sebo e charque), e só na década de 1840 a ovina

ganhará relevância, ascendendo a cerca de 10% do valor total das exportações. As exportações brasileiras triplicavam as da Argentina em 1850, segundo cálculos de Bulmer Thomas. Em níveis *per capita*, porém, os números rio-platenses eram bem mais altos. Em termos internacionais mais amplos, o valor absoluto das exportações brasileiras era o mais elevado da América Latina, enquanto o da Argentina ocupava o quarto lugar. Em valores *per capita*, o PIB do Brasil acompanhava a média latino-americana, enquanto o da Argentina chegava ao dobro.

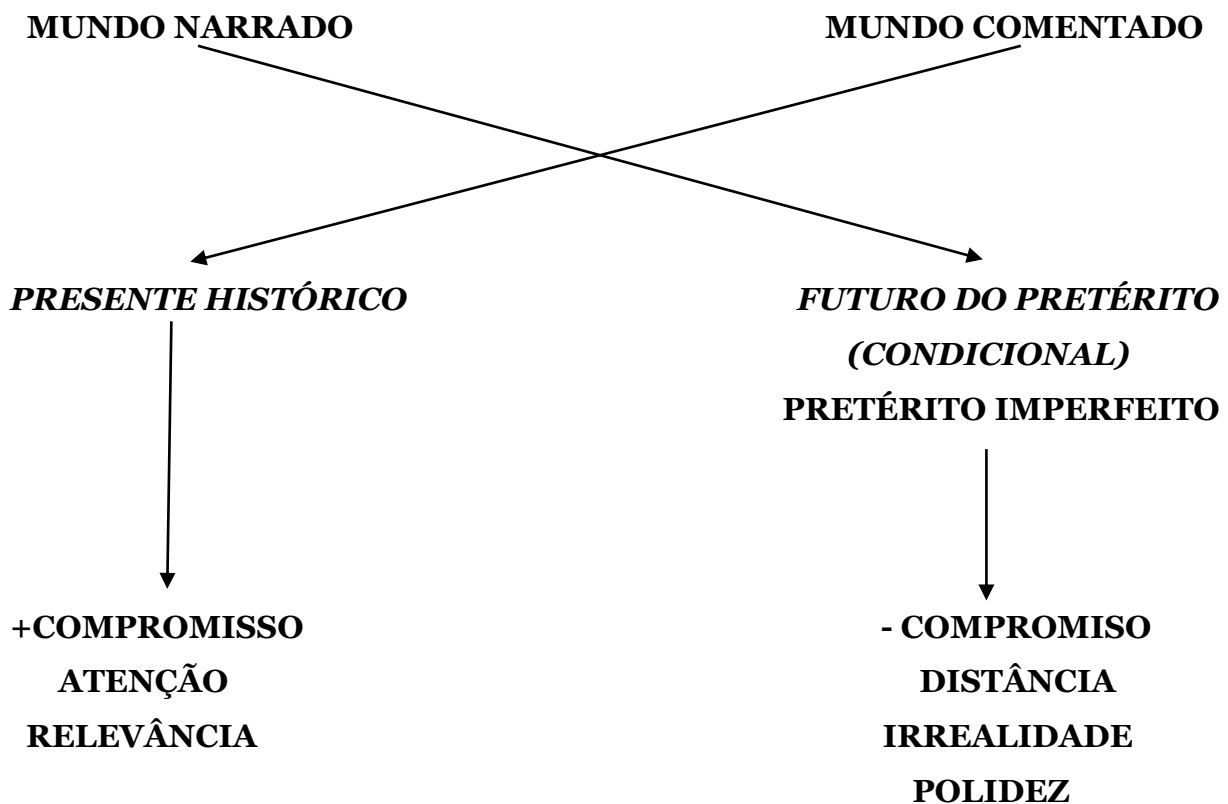
Se atentarmos para os sistemas produtivos, veremos que ambos os países foram introduzindo inovações tecnológicas nas áreas ligadas às economias de exportação, mas não naquelas voltadas ao mercado interno. Tais inovações são forçosas nas economias que produzem para os mercados externos, uma vez que estes determinam o tipo e a qualidade dos produtos e ditam os preços, restando àquelas, muitas vezes, lidar com a escassez e o alto custo da mão-de-obra. Na Argentina este fator foi mais significativo no ciclo do gado bovino, enquanto no do ovino pesaram mais as exigências externas. No Brasil, a conjugação destas com a queda dos preços internacionais, que obrigava a aumentar o volume da produção exportável, parece ter tido maior influência. Ao menos enquanto houve fartura de mão-de-obra escrava. Outro aspecto a levar em conta é a possibilidade de crescimento extensivo, que permitia a inclusão de novas terras no sistema produtivo. Quando a fronteira agrícola no Nordeste se esgotou e a escravidão entrou em declínio, a inovação tecnológica passou a ser a única alternativa. Tal circunstância deu origem a uma opção modernizadora, com a instalação de grandes unidades para o processamento da cana-de-açúcar — os chamados engenhos centrais —, mas seu alcance foi limitado.

Já os setores voltados para o mercado interno tinham de lidar com outro tipo de problemas. Em primeiro lugar, as enormes distâncias e a falta de vias de comunicação, que limitavam a distribuição dos produtos às regiões vizinhas, por encarecer o custo do transporte. Este era acrescido, ainda, pelos impostos interprovinciais sobre o trânsito de mercadorias, que, paradoxalmente, existiam tanto no Brasil monárquico e centralizado quanto na Argentina federalizada (para não dizer anarquizada). Em ambas as situações, dada a abundância de terras e o amplo uso de métodos de exploração rudimentares, não havia muitos incentivos para a inovação. No caso argentino, os baixos

Leve se em consideração que a distinção entre **MUNDO COMENTADO** e **MUNDO NARRADO** não é rígida já que vamos encontrar exemplos nos quais uma forma verbal do **MUNDO NARRADO** se traslada ao **MUNDO COMENTADO**; e vice-versa, uma forma verbal característica do **MUNDO COMENTADO** pode fazer parte do **MUNDO NARRADO**.

É o que se conhece como **metáfora temporal**.

METÁFORA TEMPORAL



Uma forma verbal em **presente**, própria, portanto, do **MUNDO COMENTADO**, pode ser empregada como “**presente histórico**” (no **MUNDO NARRADO**) quando aparece num relato se referindo a um fato passado. A forma presente confere ao relato maior força, mais compromisso e relevância. Um exemplo tirado da literatura portuguesa:

(...) Desce o menino a montanha, **atravessa** o mundo todo, **chega** ao grande rio, com as mãos **recolhe** quanta de água lá cabia, volta o mundo atravessar, pelo monte se **arrasta**, três gotas que lá chegaram, bebeu-as a flor com sede. Vinte vezes cá e lá... Saramago, José. A maior flor do mundo. Disponível em ww.avvl.pt/images/stories/Biblioteca/historias/a-maior-flor-do-mundo.pdf.

Ao contrário, um tempo próprio do **MUNDO NARRADO**, como o futuro do pretérito (ou condicional) e o pretérito imperfeito, conferem ao discurso um compromisso menor sobre aquilo que se enuncia, maior distância e compromisso, limitando a validade dos argumentos ou da voz do outro. Um exemplo do discurso jornalístico:

(...) Depois desse encontro, segundo o senador, o presidente **anunciaria** as mudanças no seu gabinete. A declaração foi feita em Montevideu, onde Mercadante integrou a delegação brasileira presente à posse do presidente uruguaio, Tabaré Vázquez. Mercadante é um dos petistas que julga importante a permanência de Aldo no ministério. Na véspera da conversa com Genoino, Aldo tocou no assunto com o próprio Lula. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/448390/noticia.htm?sequence=1>.

BIBLIOGRAFIA

- FAUSTO, Boris & DEVOTO, Fernando (2004). *Brasil Argentina. Um ensaio de história comparada*. São Paulo: Editora 34.
- KOCH, Ingedore G. Villaça (2003). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Cortez.
- KOCH, Ingedore G. Villaça (2002). *Argumentação e linguagem*. 7^a ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH Ingedore Villaça & Vanda Maria Elias (2006). *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2^a ed. São Paulo: Contexto.
- MARÍN, Marta (2001). *Lingüística y enseñanza de la lengua*. Buenos Aires: Aique.
- RYAN, Maria Aparecida (1996). *Conjugação dos verbos em português*. São Paulo: Ática.
